
CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA NO ENSINO FUNDAMENTAL: COMO ENFRENTAR ESSE DESAFIO?

*CAUSES AND CONSEQUENCES OF INDISCIPLINE IN CHILDHOOD EDUCATION: HOW TO
FACE THIS CHALLENGE?*

Hugo Leonardo Candido Silva⁵⁶

Solange Maria Sabina de Carvalho⁵⁷

Gilson Xavier de Azevedo⁵⁸

RESUMO: O objetivo deste artigo é discorrer sobre as causas e consequências da indisciplina na educação infantil. A indisciplina escolar infantil é um dos grandes desafios no universo escolar, tanto para estudantes e professores quanto para as famílias. Falar sobre a indisciplina infantil faz-se necessário no cenário atual, principalmente considerando-se as dificuldades que ela pode gerar no processo de ensino-aprendizagem, e o quanto isso pode afetar na construção das relações e prejudicar a sociabilização dos estudantes. Nesse sentido, pautando-se na hipótese de que fora criada uma cultura de “transferência de responsabilidade”, na qual os pais, ao levarem seus filhos para a escola, estão literalmente entregando-os por inteiro, esperando que naquele período na escola, o docente não somente ensine/lecione os conteúdos programados, mas também eduque, afinal, criou-se um pensamento ordinário de que isso também é obrigação da escola. Por isso, busca-se neste artigo, também, questionar o que gera a indisciplina no ambiente escolar? Quais as causas e consequências desse comportamento? Para tanto, a metodologia adotada para este estudo é a exploratória de caráter bibliográfico com análise qualitativa das fontes obtidas a partir de pesquisa com os descritores Scielo+indisciplina+educação+infantil, sendo selecionados entre as 10 primeiras ocorrências, aquelas fontes que mais se ajustavam aos objetivos da pesquisa em questão. Registra-se como resultado a percepção de que a escola tem a sua função, o professor desempenha sua tarefa, e os pais devem, pois, também desempenhar o seu papel, afinal, a indisciplina na sala de aula só será superada quando cada um fizer sua parte no processo educacional.

Palavras-Chave: Educação infantil. Indisciplina. Enfrentamento.

⁵⁶ Concluinte do Curso de Pedagogia pela UEG CEAR – e-mail: hugoleonardocs@gmail.com

⁵⁷ Concluinte do Curso de Pedagogia pela UEG CEAR – e-mail: solangevalentina76@gmail.com

⁵⁸ (Orientador) Pós-doutor em Educação pela PUC GO (2020) – e-mail: gilson.azevedo@ueg.br



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the causes and consequences of indiscipline in early childhood education. Child school indiscipline is one of the great challenges in the school universe, both for students and teachers and for families. Talking about child indiscipline is necessary in the current scenario, especially considering the difficulties it can generate in the teaching-learning process, and how much it can affect the construction of relationships and impair the socialization of students. In this sense, based on the hypothesis that a culture of “transfer of responsibility” had been created, in which parents, when taking their children to school, are literally handing them over in full, hoping that in that period at school, the teacher not only teach/lecture the programmed contents, but also educate, after all, an ordinary thought was created that this is also an obligation of the school. Therefore, this article also seeks to question what generates indiscipline in the school environment? What are the causes and consequences of this behavior? Therefore, the methodology adopted for this study is exploratory with a bibliographic character, with a qualitative analysis of the sources obtained from research with the descriptors Scielo+indisciplina+education+children, being selected among the first 10 occurrences, those sources that best fit to the objectives of the research in question. As a result, the perception that the school has its role, the teacher performs his task, and parents must, therefore, also play their role, after all, indiscipline in the classroom will only be overcome when each one does their part in the educational process.

Key-words: Child education. Indiscipline. Coping.

INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar infantil é um dos grandes desafios no universo escolar, tanto para estudantes e professores quanto para as famílias. Pesquisar sobre a indisciplina infantil faz-se necessário no cenário atual, principalmente considerando-se as dificuldades que ela pode gerar no processo de ensino-aprendizagem, e o quanto isso pode afetar na construção das relações, além de prejudicar a sociabilização dos estudantes. Por ser desafiador, porém não impossível, entende-se que este é um assunto de vital importância, sobretudo quando se considera a falta de interesse dos pais na vida acadêmica de seus filhos, ao passo que se foi criando uma cultura de “transferência de responsabilidade”, na qual os pais, ao levarem seus filhos para a escola, estão literalmente entregando-os por inteiro, esperando que naquele período na escola, o docente não somente ensine/lecione os conteúdos programados, mas também eduque, afinal, criou-se um pensamento ordinário de que isso também é obrigação da escola.



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

A escola é o local onde as crianças passam 04 (quatro) horas ininterruptas – ou mais – do seu dia em convivência com seus colegas, e o motivo de estarem ali não é apenas de se encontrarem para brincar ou socializar uns com os outros. No entanto, professores e professoras se deparam com essa situação diariamente, situação essa que não é facilmente resolvível por eles, isso porque, todos os dias as crianças, mesmo sabendo que a escola, precisamente a sala de aula, não é lugar de gracejos e zombarias, ainda assim vão tentar brincar uns com os outros, isso pode acabar causando desordem, barulho, bagunça, insubordinação. Essa situação é conhecida como indisciplina na sala de aula.

Segundo Dicio – Dicionário Online Português, a palavra indisciplina significa “ausência de disciplina; com desobediência; insubordinação; característica de quem não obedece aos preceitos, normas ou regras; comportamento que se opõe aos princípios da disciplina; desordem, bagunça”.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é abordar a questão da indisciplina no Ensino Fundamental, propondo uma análise e reflexão da atuação docente sobre o que pode ser feito para remediar esse mal que tanto dificulta a função do docente em sala de aula.

Parte-se para tal análise, neste artigo, questionar: O que gera a indisciplina no ambiente escolar? Quais as causas e consequências desse comportamento?

[...] a indisciplina que há nas salas de aula pode estar relacionada à falta de interesse dos estudantes na matéria, Eccheli afirma que os estudantes não se interessam nas aulas por serem aulas metódicas, que não prende a atenção dos estudantes, não os oferece nada de novo, é sempre mais do mesmo. (ECCHELI, 2008, p. 199).

Dessa forma, entende-se não ser plausível que os professores desenvolvam sempre aulas com padrões tradicionais do tipo “copiem do quadro”, “respondam que estarei vistando”, ou “o visto vale nota”, enfim, os professores precisam mudar essa postura e inovar na abordagem, de maneira a desenvolver a motivação dos estudantes. Para Campos, “motivar significa provocar movimento, atividade no indivíduo” (CAMPOS, 1987, p. 108 apud ECHELI, 2008, p. 200), assim, os estudantes precisam estar motivados para que se interessem pela aula, uma vez tendo estudantes motivados, engajados na metodologia da aula proposta, entende-se que a indisciplina deixará de acontecer, afinal, se há interesse pela aula, não haverá motivos para ações disciplinares.

Ademais, Simone Deperon Eccheli (2008, p. 199) defende que “o professor é capaz de mudar o cenário de indisciplina que há nas salas de aula com um posicionamento de organizador



da aula, o professor deve organizar a aula de forma que o estudante sinta-se interessado no que está sendo proposto”. No contexto da autora citada, o professor precisa encarar sua turma como uma plateia de um grande auditório que o aguarda para uma palestra que mudará suas vidas para sempre, desta forma, o professor virá com sua aula já pronta e, como já conhece seu público-alvo, sabe o que seus estudantes precisam, é por isso que ele precisa compreender as características próprias de cada estudante, o que pode dar certo com um, pode não surtir o mesmo efeito em outro. E isso é difícil, entretanto, quem mais pode mudar o contexto indisciplinar de uma turma do que um professor(a) preparado(a)?



O professor não está só, toda a escola deve atuar em conjunto, o psicólogo pode ajudar muito, palestras, campanhas e ações educativas, com a participação dos pais, devem ser elaboradas, toda ajuda é bem-vinda. A escola, o(a) professor(a), o(a) psicólogo(a) pedagógico, os pais, enfim, todos devem participar dessa ação, uns são responsáveis por seus estudantes, outros são responsáveis por seus filhos. Se há participação, empenho, força de vontade de todos os envolvidos, não tem como não dar certo. É necessário desmistificar que a função da escola é cuidar do estudante enquanto os pais estão trabalhando, e que o professor é a figura que representa os pais nesse horário.



Para desenvolver o tema, trabalhou-se uma historiografia breve sobre a questão da indisciplina, além de alguns conceitos de disciplina/indisciplina. Por último, pensaram-se os desafios e as dificuldades que os profissionais da educação enfrentaram e ainda enfrentam na escola, em especial na sala de aula. As conclusões vão na linha de se pensar como possível a superação da indisciplina dos estudantes com uma mudança de ideologia por parte de quem faz a educação em sua prática, uma escola que reflete diariamente seu papel e suas abordagens, somando a criatividade e a superação de professores comprometidos, aliados a pais que assumem suas responsabilidades junto a seus filhos, assim, traz como resultado a melhoria significativa da educação ante ao tema proposto.



1 HISTORIOGRAFIA DO TEMA



A história da indisciplina mostra que o ensino e a forma de se ensinar sofreram mudanças ao longo dos anos. Momentos marcados por alguns dos grandes nomes da pedagogia mundial, teóricos mundialmente respeitados/reconhecidos, defendendo seu próprio conceito, tiveram sua maneira particular de enfrentar e entender a indisciplina, portanto, faz-se necessário caminhar um pouco pela história, visitando seus conceitos, suas intervenções e práticas pedagógicas. (LOPES; GOMES, 2012, p. 265).



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

De acordo com Dewey (1959), Freire (1985) e Estrela (2002), A idade antiga do mundo é marcada por uma educação tradicional que trazia como marca um estudante calado, quieto, atento, obediente e respeitador. Nota-se a submissão das crianças aos professores e diretores: acatamento total de suas decisões, tratamento reverencial e mesmo temeroso. A intervenção acontecia por meio de conferência ao estudante de notas baixas por “comportamento”, expressões injuriosas e castigos corporais. As práticas pedagógicas eram marcadas pelo magistrocentrismo, ou seja, centralizadas no professor e na sua autoridade, o que exigia ordem para que a mensagem não fosse perturbada por ruídos indesejáveis. (LOPES; GOMES, 2012, p. 266).

Na Educação Nova (1921), segundo Dewey (1859 - 1992), o conceito de disciplina era baseado no exercício da liberdade e da responsabilidade, era dispensado à coerção externa, acreditava-se e aplicava-se o autocontrole e o autogoverno. Nas intervenções, não se excluía as sanções, mas, as crianças submetiam-se a elas mais facilmente, isso porque as crianças haviam contribuído para elaborar as regras. Nas práticas pedagógicas, predominava a pedagogia ativa, que era baseada nos interesses do aluno, respeitando as teorias do desenvolvimento infantil. (LOPES; GOMES, 2012, p. 266).

Ainda sob a concepção da Educação Nova (1921), segundo Maria Montessori (1870 – 1952), a disciplina em seu conceito não era um fim, mas sim um caminho, a noção de ordem era diferente, o que não significava anarquia ou desordem. A intervenção existia, no entanto, a disciplina não poderia ser obtida por meio de sermões e ordens. A prática pedagógica era centrada na participação do aluno, incentivava-se a autonomia do aluno, o ambiente era interativo, os alunos podiam manipular os materiais pedagógicos. (LOPES; GOMES, 2012, p. 267).

Na Educação Libertadora (1962), defendida por Freire (1921 – 1997), era aplicada a pedagogia do oprimido, o conceito de disciplina era pautado na relação entre o professor e o aluno, na qual a autoridade era encontrada na liberdade sadia de ambos. O diálogo era a forma de intervenção. A prática pedagógica era a educação problematizadora que estabelecia o diálogo como forma de comunicação pedagógica, o educador e o educando eram os sujeitos do processo. (LOPES; GOMES, 2012, p. 267).

Freinet (1960) e Estrela (2002) apresentam-nos a Educação Socialista (1917), apoiada por dois defensores, o primeiro, Makarenko (1888 – 1939), defendia que a disciplina era o resultado natural da ação social coletiva. A intervenção, “regras, prêmios e punições” eram estabelecidos pela assembleia geral, o principal órgão de gestão. A prática pedagógica era



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

organizada em grupos de estudo, de modo a favorecer o sentimento de pertencimento àquela coletividade, havia a subordinação dos interesses individuais aos coletivos. O segundo defensor foi o próprio Freinet (1896 – 1966), o autor defendia que a disciplina era concedida como organização, planificação e, também, dinamismo e vida, para ele a indisciplina consistia num ato de rebelião contra a regra de vida coletiva e contra o grupo, sua manutenção era uma tarefa coletiva, acreditava que a indisciplina era provocada pelas falhas das estratégias pedagógicas. (LOPES; GOMES, 2012, p. 268).

A intervenção existia, porém, a disciplina não era imposta com sanções, era a consequência da organização do trabalho pelo professor, os conflitos eram regulados pelo grupo por meio de conselho cooperativo, a regra era: cada um podia criticar e ser criticado, incluindo o professor. As práticas pedagógicas eram da classe cooperativa, o conselho cooperativo da turma – os alunos refletiam de modo concreto sobre os problemas de natureza legislativa e executiva ligados a qualquer tipo de trabalho, as atividades eram organizadas escutando os desejos dos alunos, o educador e o educando tinham uma relação de diálogo, numa postura liberal. (LOPES; GOMES, 2012, p. 268).

Na década de 1960 aconteceram duas correntes pedagógicas, a primeira foi a Pedagogia Institucional defendida por Lobrot (1924) Lapassade (1924 - 2008) e Lourau (1933 - 2000), para eles a disciplina era relacionada a autogestão, criar instituições internas satisfatórias é o processo educativo por excelência. Defendiam a não intervenção do professor, mesmo que solicitado, acreditavam que há pedidos que o professor não deve satisfazer. As práticas pedagógicas eram pautadas na cumplicidade dos professores e alunos, na medida em que havia o objetivo comum de contestar a burocracia da escola e a própria sociedade. Defendiam a autogestão como instrumento que permitia a dialética do “instituinte” e do “instituído”. (LOPES; GOMES, 2012, p. 269).

A segunda corrente pedagógica da década de 1960 foi a Pedagogia não Diretiva (1960), defendida por Carl Rogers (1902 - 1987), esta tinha como conceito “a indisciplina como fenômeno transitório e necessário, haja vista que a desordem precede a necessidade sentida da ordem”. A intervenção era um pouco diferente, criticava a censura e as punições advindas do professor, defendia a decisão do grupo quanto às medidas a serem tomadas em relação aos que prejudicam seu funcionamento. As práticas pedagógicas eram atribuídas a função do professor: facilitador, ele, o “professor”, era um recurso à disposição do grupo, as atitudes em relação aos alunos limitavam-se a: “autenticidade”, “consideração incondicional positiva” e “compreensão empática”. (LOPES; GOMES, 2012, p. 269).

De acordo com Good e Brophy (1984), Durkheim (2002), Caeiro, Delgado (2005), Fleuri (2008) e Piaget (1977), é possível conhecer os tipos de sala de aula pela característica do seu professor, tal afirmação pode ser observada no quadro abaixo: (LOPES; GOMES, 2012, p. 272).

Quadro 1 - Disciplina e indisciplina: tipos de sala de aula e características dos professores.

TIPOS DE SALAS DE AULA	CARACTERÍSTICAS DOS PROFESSORES
Caos contínuo e ruídos; Anomia, direcionamento exaustivo por parte da escola para manter um bom clima.	Laissez-faire; Permissividade (descontrole da aula, ineficácia das aprendizagens); Indiferença (rotina, monotonia).
Não tem problemas disciplinares, o controle é apertado e rígido; Heteronomia, o clima parece tranquilo, porém, na ausência do professor, a turma perde o controle.	Professores rigorosos - os alunos atuam com mais cautela; Autoritarismo (rigidez, agressividade, prepotência).
Governar-se por si própria; Autonomia, a turma consegue um bom clima com ou sem a presença do professor.	Professores educadores - aqueles que estimulam o grupo a conhecer os seus caminhos e objetivos e a dirigir-se para alcançá-los, têm a direção do grupo, isto é, têm claro os objetivos estabelecidos pela turma.

Fonte: Good e Brophy (1984), Durkheim (2002), Caeiro, Delgado (2005), Fleuri (2008) e Piaget (1977). (LOPES; GOMES, 2012, p. 272).

O que esse quadro permite entender é que a turma é o reflexo do professor. No início do ano, quando a escola define qual professor será responsável por essa ou aquela turma, o professor pode não saber, tampouco conhecer quem são seus futuros alunos, no entanto, é importante destacar que os pais dos alunos sabem o que seus filhos irão encontrar quando as aulas iniciarem. Isso acontece porque o professor é conhecido e definido pelo seu desempenho em sala de aula. Não se está aqui dizendo que os pais julgam o aprendizado de seus filhos baseados apenas no professor que eles terão, mas verdade seja dita, a maioria dos pais olham apenas para o professor, desprezando o principal: “que tipo de aluno seu filho é”, a realidade é que a sociedade em geral julga o professor por seu desempenho com os alunos que já estudaram com ele, mas ainda mais, pelas características de suas turmas.

2 CONCEITOS DO TEMA

Conforme apresentado no tópico anterior, a indisciplina não é um mal esporádico ou localizado, mas uma preocupação escolar mundial, uma vez que professores do mundo todo enfrentam essa dificuldade. No Brasil não é diferente, desde a educação básica, passando pelo ensino fundamental até chegar ao Ensino Médio (da infância à adolescência), todo professor/escola vive essa dificuldade. Mas, afinal, o que gera a indisciplina no ambiente escolar?

Um dos motivos do comportamento indisciplinar é a falta de interesse dos alunos pela aula, nesse sentido, faz-se necessário, por parte dos professores, uma mudança de paradigma. O professor Júlio Groppa Aquino (1998) propõe tratar a indisciplina como um assunto pedagógico, segundo ele, “se tomarmos a indisciplina como uma temática fundamentalmente pedagógica, talvez possa-se compreendê-la inicialmente como um sinal, um indício de que a intervenção docente não está se processando a contento, que seus resultados não se aproximam do esperado” (AQUINO, 1998, p. 200). Partindo para essa ótica, a indisciplina passaria a ser tratada mais como uma resposta do ponto de vista avaliativo, do que propriamente um problema, assim, o professor teria no comportamento de seus alunos um *feedback* de suas aulas, se são/estão sendo aulas agradáveis ou insuportáveis.

Muitos alunos não são apenas desinteressados pela aula por si só, há aqueles que não gostam mesmo de estudar, por isso é comum ouvir de alguns discentes as perguntas: “Para que estudar?” ou “Para que ir à escola?”, geralmente tais perguntas são feitas por educandos que ainda não compreenderam a importância do estudo e da escola na vida de alguém. Nesse sentido, o professor Júlio Groppa Aquino afirma que:

Curiosamente, essa idéia parece apontar na mesma direção para a qual o aluno indisciplinado está incessantemente nos chamando a atenção. É essa a pergunta que ele está fazendo o tempo todo: para quê escola? Qual a relevância e o sentido do estudo, do conhecimento? No que isso me transforma? E qual é meu ganho, de fato, com isso? Temos conseguido responder essas perguntas quando direcionadas a nós mesmos? Qual a relevância e o sentido da escola, do ensinar e do aprender para nós, professores? Escola realmente faz diferença na vida das pessoas? Se ela marca uma diferença sem precedentes, por que ela geralmente é conotada como um lugar entediante, supérfluo, aquém da “realidade”, inclusive para nós mesmos? Por que nos esforçamos em imaginar, tal como nossos alunos, que a “vida mesmo” está para além dos muros escolares? E por que é que o mundo deixou (e parece deixar cada vez mais) de parecer com um grande livro aberto? (AQUINO, 1998, p. 201).

Conforme proposto por Aquino (1998), uma mudança de mentalidade por parte da equipe pedagógica pode melhorar de forma significativa o ambiente em sala de aula, afinal, o



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

professor continua sendo aquela “peça ímpar” capaz de transformar vidas, não somente a sua, em especial, mas também a de seus alunos, principalmente à daqueles que dizem não suportar a escola, tendo como principal motivo a aula do próprio professor. Faz-se necessário uma reflexão: Eu, um professor que não suporto minha turma porque é composta de alunos indisciplinados - muda-se a mentalidade - Eu, um professor que transformei minha turma, antes indisciplinada. De fato, vale a tentativa.

A escola é o local onde os pais deixam seus filhos somente para aprender. Contudo, a escola não pode ser encarada pelos pais como um orfanato, ou seja, “um estabelecimento de assistência social, no qual, menores em situação de rompimento dos vínculos familiares são acolhidos e recebem cuidados pessoais, médicos e educacionais”, (WIKIPÉDIA, 2022) deixo meu filho na escola/orfanato para ser ensinado, educado e quando for jovem volto para buscá-lo e casá-lo, desta forma, o papel de educar a criança seria total da escola e do(a) professor(a).

Ademais, não se despreza a falta de interesse dos alunos pelas aulas como um importante causador da indisciplina, no entanto, defende-se que há três motivos que devem ser tratados como os principais geradores da indisciplina no ambiente escolar, a saber: a **omissão dos pais** na educação de seus filhos, a **transferência de responsabilidade** dos pais para a escola (SANTOS, 2016, p. 4), e o problema que está além das “quatro linhas”, a vulnerabilidade de famílias que podem ser consideradas **famílias desestruturadas**. Quando se fala de desestrutura, descreve-se na linha do entendimento real, ao pé da letra, a falta da estrutura, resultante de algum fator externo, pode vir a ser provocada pela falta de emprego, a separação, morte ou divórcio dos pais, enfermidade, brigas/discussões, enfim, algo que provoque a falta dessa estrutura. Vale destacar que a Dra. Maria Lucia Boarini discorda dessa maneira de enxergar uma família desestruturada, segundo ela:



A nosso juízo, há certa confusão quando se entende como família “desestruturada” aquela que foge ao padrão composto de pai, mãe e filhos. É ainda mais confuso quando essa ideia está ligada à população desfavorecida economicamente. Outros arranjos familiares, qualquer que seja a classe social, não necessariamente são sinônimos de desestruturação familiar. E isso já é reconhecido pelos órgãos internacionais, como, por exemplo, a Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa (United Nations Economic Commission for Europe - UNECE), que produziu o estudo *Measurement of different emerging forms of families and households*, aprovado em fevereiro de 2010, “como um guia de boas práticas para a investigação, pelos institutos de estatística, das novas formas de organização das famílias” (IBGE, 2010). Para a UNECE, “Os padrões de formação, dissolução e reconstituição da família tornam-se cada vez mais heterogêneos e seus limites mais ambíguos [...], o casamento tornou-se menos central na conformação da vida das pessoas [...]. As uniões consensuais aumentaram e, em alguns países, já existe o reconhecimento legal dos casais homossexuais” (IBGE, 2010). Pode-se citar também a Lei Federal n.º 11.340 (2006), popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, que em seu Art. 5º, Parágrafo II, compreende a família como “a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa”. Em outro trecho, expressa-se que “As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual” (Lei Federal n.º 11.340, 2006). Vale ressaltar que outras e novas configurações da família não são um fenômeno da atualidade. Embora não explicitado, desde a época do Brasil Colônia, há registro de outros tipos de arranjos familiares, e os filhos fora do casamento eram muito comuns (BOARINI, 1998, p. 125 apud Samara, 1981).

Como afirma Boarini, muita coisa mudou inclusive o entendimento de família, como mostrado acima, no entanto, não querendo contrapor os fatos, o que está se afirmando é que a falta da estrutura familiar pode ser um dos motivos causadores da indisciplina escolar. Entenda-se a estrutura familiar aqui defendida: uma família com horários pré-definidos, ou seja, horário para levantar, para brincar, para tomar café, almoçar, jantar, estudar, dormir, enfim, uma família com horários e rotinas organizados; o pai como exemplo a ser seguido, responsável, respeitador, provedor, que ama sua esposa, seus filhos; a mãe como “esteio” em seu lar, aquela que faz a engrenagem rodar, sábia, sabe lidar com o marido, com os filhos, tem em suas mãos o controle emocional, aquela que cobra quando tem que cobrar, abraça quando tem que abraçar, é rígida quando necessário.

O mundo mudou, reconhece-se isso, no entanto, não querendo desrespeitar o conhecimento, tampouco, desvalorizar os dados que são verídicos, o que se está observando são mudanças acontecidas, sem melhoras encontradas. Na educação brasileira, por exemplo, com a mudança do Novo Ensino Médio, houve aumento na carga horária anual e das escolas com aulas em período integral, com a promessa de oferta do ensino técnico integrado ao ensino médio, no entanto, a pergunta que se faz é: o que, de fato, irá melhorar? Será que é possível os

alunos terminarem o ensino médio com formação técnica e profissionalizante, sem que haja técnicos e profissionais amplamente capacitados para os ensinarem?

Conforme Santos (2016, p. 4), “muitos autores creditam a indisciplina na sala de aula aos pais”, de igual modo, afirma-se que com o crescimento da mídia e das redes sociais os pais encontram tempo para tudo, olhar o **Twitter, Facebook, WhatsApp** e outras plataformas, mas não encontram tempo para os próprios filhos. Se posso transferir minha responsabilidade para outros, por que não fazer? Afinal, é bem mais fácil responsabilizar o outro por aquilo que deixei de fazer, do que me assumir como responsável. Para corroborar com o que se acaba de afirmar, Boarini defende que:

Entender que o professor não faz da escola uma extensão do lar é outro ponto que merece revisão. São funções diferentes. O professor é preparado e especializado ao longo de um período para compartilhar com o aluno a produção e sistematização do conhecimento. É o que denomina-se de profissionalização, que deve ser exercida em sintonia com as políticas públicas de educação. Até nossos dias não consta que, para exercer a função materna e paterna, obrigatoriamente os interessados devem passar por aprovação em cursos especializados para esse fim. Cada pai/mãe educa seus filhos a sua maneira. Ainda que eventualmente o professor, sobretudo das séries iniciais, tenha que atender algum imprevisto estranho a sua formação, isso não o faz necessariamente substituto da função paterna/materna ou das funções parentais. São atribuições diferentes, embora devam caminhar para uma mesma direção. (BOARINI, 1998, p. 125).

Portanto, o professor não é pai nem a mãe de seus alunos, entender o papel do professor como uma continuidade da educação recebida em casa, como afirma a Boarini (1998), não é o ideal, no entanto, dada as condições que muitas vezes a escola bem como os professores se deparam, é possível se dizer aceitável. A escola e o professor precisam ser encarados pelos pais como o que de fato são: a instituição e o responsável que facilitará a aquisição do conhecimento para seus filhos.

Frente ao que já foi dito, é importante enaltecer a escola. A escola tem como “função básica garantir a aprendizagem de conhecimento, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo” (FERNANDES et al, 2022). O ambiente escolar promove a socialização de seus estudantes, é na escola que a criança interage com seus pares, aprende a dividir, compreende que há mais alguém, o mundo não gira em torno de si como possivelmente acontece em casa, desta forma, entende-se o papel da escola, mas não se evidencia como o principal, afinal há papéis importantes como nesse processo educacional. (FERNANDES et al, 2022).

É necessário destacar, ainda, que a família é a responsável por ensinar, passar os princípios e os valores que entendam ser adequados para seus filhos viverem em sociedade. Se a escola aderir a tarefa de instruir os estudantes em princípios e valores diferentes daquilo que

eles recebem em casa, a cabeça da criança ficará confusa, desta forma, entende-se que cada uma precisa desempenhar sua responsabilidade e não transferir para o outro. (SANTOS, 2016, p. 4).

Os pais precisam educar seus filhos. Na escola dá-se a continuidade da educação que as crianças recebem no lar, portanto, os filhos são educados em casa por seus pais, e devem colocar em prática na escola – e em qualquer outro ambiente – a educação que foi recebida em casa. A Bíblia diz em Provérbios 22.6 “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele”, se os pais deixarem de cumprir o papel de educar seus filhos, não será a escola, ou os professores que conseguirão assim fazer. (SANTOS, 2016, p. 4).

Há muitas causas que se pode atribuir à indisciplina, no entanto, este artigo atribui a principal causa da indisciplina escolar à família, isso porque limites, princípios, e valores são atribuições de responsabilidade dos pais, a escola e os professores precisam repassar aos pais ou responsáveis os episódios de indisciplina ocorridos com seus filhos, para que, assim, eles possam corrigir seus filhos a fim de que novos episódios não aconteçam no ambiente escolar.

Corrêa dos Santos afirma que:

existem inúmeros educadores que atribuem à família a culpa da indisciplina em sala de aula. Situações como criação autoritária, falta de limites, lares desestruturados, pais separados, pais permissivos, falta de interesse dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos são destacadas por pesquisadores; e há ainda situações em que a família procura repassar a responsabilidade de educar os filhos, para a escola [...]. Santos (2016, p. 4).

Não se pode ser leviano ao ponto de afirmar que apenas os pais são os responsáveis pela indisciplina escolar, mas, no tocante à correção dos estudantes não há dúvidas de que sim, os pais são os responsáveis, por isso, se os genitores não fizerem aquilo que é de sua responsabilidade, os professores, a direção da escola não terá o que fazer, pode-se trabalhar a motivação dos estudantes, fazer as aulas se tornarem mais atrativas, que se não houver limite imposto por eles (os pais), infelizmente, nada vai mudar. (FERNANDES et al, 2022).

Em uma sala de aula em que os estudantes não respeitam, não têm o mínimo de interesse pela aula, o professor não terá controle sobre a turma, o que torna quase impossível que haja aprendizado. Se há uma turma indisciplinada, não quer dizer que todos os estudantes dessa turma são indisciplinados, há exceções. Quando na escola há uma turma indisciplinada, há também nessa turma estudantes que têm interesse em aprender, e esse é o problema.

Quando uma turma é indisciplinada, os estudantes que se comportam e tem interesse pelos estudos são prejudicados também. As consequências são extensas, a escola é descredibilizada diante da sociedade, o professor(a) é malvisto, os pais não o(a) querem como

professor(a) de seus filhos, os estudantes não aprendem, a nota do Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) é baixa, enfim, todos saem perdendo, por isso a necessidade de erradicar a indisciplina em sala de aula.

O *blog* Portabilis disponibiliza uma matéria que permite demonstrar em números a dificuldade enfrentada pelos profissionais da educação quanto à indisciplina:

Uma pesquisa realizada pela Fundação Lemman aponta que 32% dos professores têm como uma das principais preocupações a indisciplina na escola. Os docentes brasileiros utilizam 20% do tempo de aula lidando com esse problema, sendo que a média global é de 13%, conforme Pesquisa Internacional de Ensino e Aprendizagem (Talis) efetuada em 2013. O Brasil é um dos países que mais possuem ocorrências disciplinares no mundo, por isso a indisciplina é a líder na lista de queixas pelos professores. Apesar dos números citados acima serem desencorajadores, falando especificamente dos índices de violência nas escolas, pode-se ver uma queda. Conforme questionário aplicado na Prova Brasil de 2007 e 2011, 1,9% dos professores responderam que foram agredidos por estudantes, enquanto que na pesquisa anterior esse percentual foi de 2,3%. Em relação ao porte de armas de fogo, facas ou canivetes, o número também diminuiu. No ano de 2011 foram 4,89% de registros de porte pelos estudantes, já em 2007 foram apontadas 6,31% ocorrências. A verdade é que só quem sofre as consequências desses indicadores sabe o quanto eles são desestimulantes ao exercer a profissão de docente. (PORTABILIS, 2022).

O que essa matéria nos permite entender é que a indisciplina ainda se mostra como preocupante na atualidade, afetando o processo de aprendizagem, desestimulando profissionais da educação e desestabilizando o querer aprender. Se por um lado os padrões de indisciplina mudaram, da balbúrdia para a apatia, ainda assim a sala de aula se torna desafiadora, conforme se vai tratar a seguir.

3 APLICAÇÃO DO TEMA À EDUCAÇÃO

A Constituição Federal Brasileira de 1988 traz em seu artigo 205 a seguinte redação: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Na sequência, no artigo 206, lê-se que, entre outros princípios, o ensino será ministrado com base na “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”.

A Carta Magna garante o direito à educação para todos, entretanto ressalta que ela não é dever só do Estado, mas também da família. Dessa forma, quando há indisciplina na escola



ou na sala de aula, os estudantes são impossibilitados de alcançar seu direito constitucional. Não é errado afirmar que a indisciplina escolar fere os princípios constitucionais. Se a causa da indisciplina é provocada por pais negligentes, os pais dos estudantes que não são indisciplinados, bem como esses próprios estudantes, estão sendo prejudicados e, automaticamente, tendo o seu direito a educação desrespeitado. (SANTOS, 2016, p. 9).



O que fazer diante desse cenário? Além das possibilidades anteriormente apresentadas, este artigo traz como possível solução para o problema da indisciplina escolar as seguintes propostas.



Em primeiro lugar, para Corrêa dos Santos (2016, p. 11), “atribui-se aos pais dedicar mais tempo aos estudos dos filhos com um olhar mais atento para a escola, os deveres, as provas, as notas ou quaisquer atividades e ocorrências diretamente ligadas ao desenvolvimento educacional dos filhos”. Entretanto, não se pode limitar a responsabilidade dos pais com seus filhos apenas nos assuntos acadêmicos, é necessário que os pais sejam comprometidos com seus filhos, principalmente no quesito vida, afinal, supõe-se que os pais é quem são os maiores interessados pelo bem-estar de seus filhos. Por isso, neste artigo, considera-se de extrema importância o envolvimento dos pais na vida de sua prole, pois filhos com influência de seus pais tendem a se tornarem cidadãos responsáveis e formar cidadãos de bem e responsáveis por suas ações é do interesse de todos.



Em segundo lugar, é necessário que se faça uma escola reflexiva, na qual as práticas pedagógicas não são engessadas, aquela que não impõe dificuldades em mudar a grade para ajudar uma turma, um professor ou um estudante, é aquela escola que “se pensa e se avalia em relação ao projeto pedagógico e à sua missão social, constituindo-se uma organização aprendente, que qualifica não só os que nela aprendem, mas também os que nela ensinam, além de todos que apoiam professores e estudantes”, (ALARCÃO, 2001, p. 25, apud TERRIBILI FILHO, QUAGLIO, 2008, p. 62). É uma escola que entende o desafio, sabe que para vencer a indisciplina a grade pode e irá sofrer alterações ao longo do ano letivo, portanto, a direção deve estar pronta para fazer essas alterações na hora certa, bem como propor eventos que discutam e tragam soluções para os entraves, isso equivale a ser além de uma instituição aplicadora, uma organização transformadora.



Por fim, em terceiro lugar, é preciso a atuação de um professor reflexivo, um professor além da profissão, aquele que se propõe a ensinar além do conteúdo, se propõe a ser um solucionador de problemas reais, o professor deve ser um educador que vê além da lista de chamada, enxerga seus estudantes como pessoas que precisam de um alguém que pode oferecer



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG



UEG

mais que conteúdo, um alguém que quando o estudante se deparar com algum problema sério, possa ter em seu professor um ajudador. A abordagem defendida por John Dewey (1859-1952) e Donald Alan Schön (1930-1997) apresenta como proposta a prática orientada (*practicum*), que, com apoio do profissional orientador, com a função de *coaching* (que pode ser traduzido, no contexto, por monitoração, apoio, acompanhamento, incentivo e encorajamento), organizando situações nas quais a pessoa possa praticar e confrontar-se com situações reais, cuja solução dependa de reflexão, levantamento de hipóteses, experiência, consciência e valorização do auxílio de outros, (ARMANDO TERRIBILI FILHO e PASCHOAL QUAGLIO, 2008, p. 57-58), ou seja, o professor ou educador tem como papel principal de sua profissão, porque não dizer sua missão, “ajudar a aprender”, não ajudar a aprender somente o conteúdo proposto, mas sim ajudar a aprender com a realidade, problemas reais, situações da vida real. Um professor que se proponha a resolver a indisciplina com ações verdadeiras e não somente possibilidades dos conteúdos. É preciso ser um professor que tenha a iniciativa de envolver a escola, os pais, quem de direito e dever, para resolver esse problema real chamado indisciplina escolar, além das quatro linhas, se necessário for.

CONCLUSÃO

Combater a indisciplina escolar infantil, como explorado nesse artigo, é um trabalho que precisa ser compartilhado entre todos os envolvidos no processo de educação, se apenas a escola se propor a isso, ou tão somente o esforço dos professores, ou, ainda, simplesmente o inconformismo de alguns pais estiverem pautados nesse aspecto, a indisciplina não se tornará uma página virada, é necessário mais do que vontade ou indignação de alguns. No decorrer da história, a indisciplina tem se mostrado um oponente difícil de ser vencido, um dos grandes, para não dizer o maior desafio do universo escolar, um inimigo diário, rotineiro, que frustra os sonhos de professores recém-formados, torna mais complexa a caminhada acadêmica de estudantes interessados, acaba com a reputação de escolas e aborta projetos familiares.

Autores como (SANTOS, 2016; BOARINI, 1998; ECHELI, 2008; FERNANDES et al, 2022; AQUINO, 1998) et al, tiveram neste artigo seus conhecimentos explorados, assim, fie-se para podermos assegurar com convicção nosso entendimento sobre o tema. Desta forma, afirma-se com confiança que alguns fatores são os causadores da indisciplina no ambiente escolar, entre eles destacam-se, a falta de interesse dos alunos pelas aulas, a omissão dos pais na educação de seus filhos, a transferência de responsabilidade dos pais para a escola e, ainda,

um problema que está além dos “muros”: a vulnerabilidade de algumas famílias que, para nós, podem ser consideradas como famílias desestruturadas.

Portanto, os pais devem ser mais comprometidos com seus filhos, é de extrema importância o envolvimento dos genitores na vida de seus filhos, reitera-se que filhos influenciados por seus pais tendem a se tornarem cidadãos responsáveis. A escola tem que ser reflexiva, na qual as práticas pedagógicas não são engessadas, aquela que não impõe dificuldades em mudar a grade para ajudar nessa missão. Por fim, o professor precisa agir para além da profissão, aquele que se propõe a ensinar mais que o conteúdo programado, o que está disposto a ser um solucionador de problemas reais, um educador que vê além da lista de chamada, só assim, a indisciplina na sala de aula será superada, afinal, a indisciplina no Ensino Fundamental não será derrotada se não houver a participação de todos.

Esse desafio não pode ser vencido só por um interessado, a história ensina isso, os referenciais apresentados atestam para esse fim, da mesma forma, com este artigo buscou-se refletir a cerca desse desafio, o que mais será necessário para convencer esse ou qualquer outro leitor de que: só se vence a indisciplina quando todos os envolvidos no processo educacional se unirem e trabalharem juntos.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. R. Fac Educ, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/HcncVTNW39bFcg64tSPXfNq/?lang=pt#>, acesso 06/12/2022 às 21h49min.

ARAÚJO, Alberto Filipe; AVANZINI, Alessandra; ARAÚJO, **Joaquim Machado de. Atividade e Redenção: a Criança Nova em Maria Montessori**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 18, p. 23-45, set. 2005. Disponível em: <file:///D:/PIETRO/Users/Gilson/Downloads/Dialnet-ActividadeERedencaoACriancaNovaEmMariaMontessori-4062943.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BOARINI, Maria Lucia. **Indisciplina escolar: uma construção coletiva**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 1, Janeiro/Junho de 2013: 123-131. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/qThk57mv3vCvPxZBmwqC9cv/?lang=pt#>, acesso 07/12/2022 às 20h45min.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>, acesso 03/12/2022 às 15h31min.

